

lugares súbitos

A chuva contínua e miúda imprime contraste, brilho e intensidade de luz e cor especialmente visível nas plantas e árvores que bordejam o caminho da Senhora da Granja. A variedade de flores e arbustos exala aromas reconhecíveis de esteva, madressilva e rosmaninho.

Muros de xisto guiam os passos até onde o horizonte se abre e grandes pedras espalhadas em diferentes formações captam o olhar. A água acompanha o corpo a caminhar, a registar e o desenho a formar-se mesmo em movimento.

Em Abril, o rio espraia-se em remoinhos cantantes e curvas que lhe dão o nome: Torto. Muda ao longo do dia, nas cintilações, sombras e céu que se projectam, nas flores que ondulam, abrem e fecham, nos insectos e ventos que agitam a superfície das águas.

Sento-me sobre a terra, erva, pedra ou uma ponte, o papel no colo ou sobre o chão à minha frente perante o que olho. As próprias folhas de papel colocadas na superfície incerta absorvem a humidade e as texturas. Folha a folha iniciam-se os cadernos.

Capturando o fugitivo na natureza, desenhando "*sur le motif*", a velocidade implicada nos traços tenta captar os efeitos da mudança da luz, do tempo, e a atmosfera do local.

Início de Junho, outros percursos trilhados por Proença-a-Velha. A paisagem muda, é flexível, como todos os seres físicos. O corpo absorve todas as sensações novas e o esboço a configurar-se. Corpo inteiro que atravessa a custo as margens cerradas de erva alta e as pedras grandes que emergem das águas. O corpo é o limiar de tudo e o instrumento de desenho.

Percorro as águas do rio Torto, entregue a si próprio, que de vestígios humanos já só vemos as picotas ou burras, bebedouros e pedras escavadas em formas côncavas enigmáticas e as poldras encontradas por acaso.

Partes do rio poderiam ser jardins, tal a profusão e exuberância de cores, luz, cintilação e tonalidades de verde. Num jardim sem jardineiro, a natureza sobrepõe-se caótica a tudo o que foi intervenção humana.

Olhos e mãos anteriormente presos ao visível, na tentativa de encontrar o espírito do lugar, soltam-se no trabalho de "*atelier*", onde os olhos vagueiam e deixam a mente divagar.

Configuração e transfiguração de uma terra através do olhar, o desenho da paisagem pode ser ainda o testemunho da experiência de um lugar. O próprio caminhar como uma busca pessoal e irrepetível do desejo de traçar.

Nos últimos dias dei por mim a encaminhar-me sempre para o rio. Apaixonei-me por ele, torto, curva sobre curva a percorrer Proença-a-Velha. Observei nestas terras abandonadas os aspectos positivos do renascer de tantas espécies diversificadas. Urge celebrar a biodiversidade.

Na memória dos carvalhos, azinheiras e pilriteiros, existem mãos humanas escavando poços, limpando fontes, aprumando muros, lançando grãos aos ventos sobre a terra. Na minha memória permanecem os caminhos ao encontro do rio Torto dando sentido ao colher dos frutos.

Pela janela avisto os carvalhos germinados das bolotas de Proença-a-Velha. No soalho, organizo os desenhos realizados e os que não consegui terminar *“in loco”* e permanecem esboçados. Ao desenhar esses lugares súbitos, quase secretos, sentir era prioritário e a memória da contemplação visita-me agora transmitindo à mão enfraquecida o gesto originário de outra realidade, a pictórica.

A visão e os outros sentidos, foram a bússola que me orientou então e orienta ainda na celebração destes lugares mágicos que tendem a desaparecer. Em formas indefinidas firmam-se ecos de pedra, distâncias e proximidade: um túnel de passagem de uma sombra a outra sombra, de uma terra a outra terra; margens de um mesmo rio, campos bravios, pó esvoaçando como pólen.

Nas pinturas recentes, a paleta intensifica tonalidades. Figura e informe cruzam-se no registo da pele sobre a terra, água e pedras. Porque o trabalho de *“atelier”* gera distância e procede a operações de metamorfose permitidas pelas velaturas e fusão de formas, a imagem construída vive na ambiguidade quanto à representação/evocação afectiva dos lugares. Na sugestão das manchas, desmultiplicação de texturas e ocultação de formas, a inquietação acrescentada ao motivo inicial dos desenhos aponta a um interior errante e desabitado.

Fica a necessidade utópica de recomposição do mundo segundo as energias do sonho e o sonho continua o meu caminho perseverante de desenhar, plantar sementes e deixar crescer árvores.

Paula Rito, Cadernos de Proença-a-Velha, Março e Abril de 2019

Para a minha tia Ilda